DILEMAS DE DOSTOIÉVSKI

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p

Felipe Figueira [I]

Nas linhas que se seguem
deixarei as metáforas de lado,
para que eu possa destinar uma carta
fria e franca
a um leitor não imaginário.
Minha imaginação às vezes é péssima.

Dia desses um artista me confessou
que não sabia por que tinha tantas perdas em sua história.
O irmão assassinado,
os pais mortos com pouca diferença entre um e outro
e a liberdade religiosa tirada na adolescência
(por causa de um namoro na madrugada).
Às vezes, ele me disse, acreditava em Deus,
às vezes, não mais conseguia enxergá-lo.

Ao lado desse artista,
outro drama me foi apresentado.
Uma moça, tatuada,
perguntou qual era a minha religião
e eu respondi, sem titubear.
Ela me saudou e disse que éramos irmãos.
Espantado, mas atento,
ouvi a sua história,

[I] Instituto Federal do Paraná, Paranavaí, Paraná, Brasil.

cuja liberdade religiosa foi perdida
porque ela queria se separar de um homem...
que só lhe batia.
O conselho de alguns desnorteados?
Que só a morte poderia romper aquele contrato.
Para o escritor de despopeias,
a vida é ora uma tragédia, ora uma comédia,
e na maior parte dos casos um caos.

Meu Deus,
por que o Senhor me dá tantas histórias tristes?
Por quê?
Eu sei que lhe peço para ser escritor,
mas precisava me dar tamanhas dores?
Eu sei que Moisés, Davi, Elias,
Jó, Daniel e Jesus foram difamados e perseguidos,
mas também eu precisava sentir tamanho amargor?
Eu sei que posso lhe questionar sem medo
(e que posso transformar uma carta em uma oração).
Eu me mudei de cidade
e me propus a escavar Roma.

Depois de ouvir as lamentações
de primos e irmãos,
eu respirei e disse que é o sofrimento que produz
a arte
e que a tinta do artista é feita de sangue.
Dramático?
Prefiro ser digno dos meus tormentos,
como aconselhava Dostoiévski,
e prefiro não me esquivar das tragédias do meu tempo,
como aconselhava Sebastião Salgado.

A quem busca histórias,
que guarde firmemente que uma linha tem preço.
A quem busca passatempos,
que não me leia –

e nem leia meus amigos escritores.
O mundo treme.
Os entes queridos se vão.
A noite tem um cheiro que só os pais
que perderam os filhos
podem sentir.

Meus amigos artistas,
vocês, que vivem pela palavra,
não se esqueçam que a língua é o leme que nos leva
para o céu ou para o inferno.
Essa divisão, didática, e mesmo simplista,
nada tem de inocente,
é uma pista que pode ajudar os desnorteados
a continuarem a marchar em meio a uma selva repleta
de cobras e espinhos.
Meus vizinhos,
não tenham medo de chorar.

Recebido em 11 de janeiro de 2023
Aprovado em 22 de março de 2023

Licença:

Felipe Figueira
Professor no Instituto Federal do Paraná, campus Paranavaí. Licenciado em História pela UNESPAR, em Pedagogia pela UNINTER, e Bacharel em Direito pela UNIPAR (campus Paranavaí). Mestre em Educação pela UEL, Doutor em Educação pela UNESP de Marília. Fez pós-doutorado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.
Contato: figueiraflg@hotmail.com
: https://orcid.org/0000-0001-8362-6196